

JUVENTUDE E FÉ

Renata Nunes

Fe y esperanza viva

Y andaremos por el mundo con fe y esperanza viva celebrando cantando, sonriendo, luchando por la vida

1. Y vamos a celebrar a nuestro Dios de la vida la mesa de la unidad para todo está servida
2. Y vamos a sonreír junto al niño y al hermano y a aquel que nos necesite vamos a darle la mano.
3. Nos vamos a organizar con fuerza y sabiduría y seguiremos cantando y luchando por la vida.

Eseario Sosa

Fé

O conceito de Fé, desde a análise do Antigo Testamento, passando pelo Novo Testamento, nos remete a uma experiência de entrega ao mistério que não se vê, mas se prova e contempla na vida do povo de Deus e nos seus feitos, bem como na vida daquele que é o consumidor da fé e da salvação.

Falar de fé tendo como base os textos bíblicos é reviver a caminhada de homens e mulheres que puderam através de suas vidas serem, até hoje, exemplo da presença do Deus em meio ao seu povo. O personagem conhecido, dentre tantos no Antigo Testamento, é Moisés; no texto de Ex 1-4 vemos a sua entrega ao projeto de Deus para o povo e sua certeza de uma caminhada de esperança, espera confiante na vitória, espera confiante na chegada à terra prometida. Isso significou mais que um desejo apenas, mas uma atitude de coragem movida pelo mistério da fé naquele que conduz à terra prometida e também dá sentido a essa terra prometida, que não significa o final da caminhada, mas um convite a sair da escravidão conforme nos orienta o texto de Ex 3,7-10.

A história do povo que sai do deserto em busca da terra prometida, o sacrifício oferecido por Abraão, de acordo com o relato de Gn 22,1-19, ao Deus que lhe pede o seu filho como prova de confiança no seu amor e na sua condução. Esses são apenas alguns exemplos de fé e entrega.

No Novo Testamento, o povo que vê no Cristo o Deus vivo se sente contemplando a fé e podendo ter nesse Deus encarnado. O caminho pra viver essa fé um exemplo

está no texto de 1Tm 4,10, onde vemos esse testemunho de fé no Deus vivo. Uma fé que, além do sacrifício, nos convoca a um testemunho e uma renovação de vida (1Tm 4,12-16). Fé que se expressa no coletivo, que precisa ser colocada a serviço do próximo e ser sempre motivador para o processo de salvação da comunidade dos crentes.

Essa verdade do Novo Testamento não elimina o lado individual da fé, que também se revela nos exemplos de muitas pessoas e na vivência de homens e mulheres, que mostram uma relação íntima com o Deus da Vida. Isso se mostra em alguns exemplos como o de Pedro conforme Mt 4,18-20, e os demais apóstolos, que seguiram o Cristo e fizeram o movimento de fé e testemunho, que nos serve de exemplo até nossos dias e alimenta os crentes de ontem e de hoje.

Juventude

Atualmente nas igrejas, nos projetos sociais, nos planos de representantes públicos, nas empresas e em quase todos os segmentos da sociedade, se fala de juventude como um conceito que representa uma parte da sociedade que tem hoje, cada vez mais, um olhar voltado para essa fatia da população. A juventude carrega sobre os ombros algumas características marcantes: esperança, força, sonhos, iniciativa, frustrações, gostos e sabores que inspiram modas e futuros, desafios, descobertas, lutas, derrotas e vitórias.

Para além de conceitos mais abrangentes e mais amplos podemos definir juventude, de acordo com alguns dados de entidades que trabalham diretamente voltados para esse grupo de pessoas, como o Conselho Mundial de Igrejas, por exemplo, como um tempo entre os 18 e 35 anos. Uma etapa da vida de cada pessoa onde muitas coisas se definem, outras se iniciam e outras ainda se perdem ou se transformam.

Trabalhar com jovens em qualquer ambiente é sempre um grande desafio, e cada dia mais isso se revela principalmente nos centros eclesiais. A Igreja hoje tem um desafio muito grande de manter os jovens atuantes e vibrantes dentro de suas comunidades.

Algumas instituições classificam juventude como um grupo dentro da comunidade com a tarefa de “animar” a celebração dos crentes, digo isso por ver que muitas comunidades ainda têm na juventude o grupo de louvor, de teatro, o grupo artístico, algo de imenso valor para a comunidade. Mas creio que ser jovem em qualquer segmento da vida social é mais do que ser o animador. É ser parte da construção de algo, é ser parte da comunhão, e ser como as crianças, adultos e idosos uma parte do todo responsável pelo todo. Isso inspira confiança e responsabilidade e muda a vida das comunidades e dos/as jovens, que podem com isso colocar seus dons, seus sonhos, sua realidade a serviço, para ajudar a construir uma parte do Reino ao qual somos chamados para sermos cidadãos.

Para além das classificações do que seria juventude, jovens são pessoas que fazem parte da sociedade e enfrentam as mesmas temáticas de toda uma conjuntura marcada por uma série de problemas estruturais que se revelam no dia a dia, tais como:

violência, desemprego, drogas, doenças de todo o tipo, individualismo, uma sociedade do descartável, a globalização com seus aspectos positivos e negativos, aceitação das diferenças, sexualidade e suas diferenças e nuances. Por isso creio que o grande desafio das Igrejas e grupos que trabalham com jovens é trazer os jovens para o debate e para a construção de alternativas diante desses desafios. É tornar a comunidade um espaço de convívio dos diferentes onde o novo não é sinal de rebeldia ou desacordo, mas é encarado com naturalidade como parte de um processo de amadurecimento e crescimento de uma instituição. De fato, não somos nós ou cada pessoa que criamos a Igreja. É o Espírito de Deus que move as pessoas a viver essa comunhão dos crentes. É Ele, conforme At 2,1-47, que dá vida à comunidade e às pessoas que ali estão.

Muitos desses temas ficaram mais próximos da minha experiência e caminhada, quando representei minha Igreja no Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI). Esse conselho ecumênico tem como objetivos “promover a unidade do povo de Deus, estimular e apoiar seus membros na tarefa evangelizadora e promover a reflexão e diálogo teológico e pastoral, em torno da missão e testemunho cristão no continente”. Para que esses objetivos citados possam ser alcançados, o CLAI conta com alguns programas e serviços onde é possível promover a práxis dos ensinamentos do Evangelho. Um dos programas deste conselho é o programa que trabalha com o tema da juventude. Para os/as jovens e para o próprio conselho o programa atende pelo nome de Pastoral da Juventude, pois deseja ser um espaço de pastoral, onde jovens experimentam o desafio de serem pastores e pastores dos próprios jovens com quem e para quem o programa trabalha. Dentre outras prioridades da Pastoral há o trabalho com jovens passando pelo viés do ecumenismo, que por muitas vezes também é um tabu para as Igrejas e um tema delicado que impede os jovens de exercerem sua fé e seus dons dentro da vida de suas comunidades.

Trabalhando com a Pastoral de Juventude do CLAI foi possível encontrar um testemunho de fé e de trabalho dos e das jovens que se encontram nos bancos de Igrejas locais, em trabalhos sociais e em trabalhos seculares onde todos os desafios acima citados são parte de uma realidade diária.

Ao conhecer o trabalho com juventude mais de perto ou ser responsável por esse tema da juventude por alguns anos, pude me dar conta da minha própria situação como jovem e participante de uma sociedade que espera muito e oferece pouco; que imprime desafios e se assusta com as alternativas e possibilidades encontradas nas estratégias traçadas pelas pessoas jovens. Elas enfrentam em alguns momentos os problemas, sem os ranços de uma sociedade já acostumada a se debruçar em suas próprias dificuldades e ficar olhando ao longe as soluções e as colocando como um desafio de quem vem depois.

Muitas vezes juventude é sinônimo de solução de problemas há muito vivenciados nas comunidades. Olha-se para o jovem como alguém fora do problema que trará o resultado e a solução, sem com isso tratar o jovem como um membro do grupo dos crentes. O contrário disso é uma realidade mais próxima de nós. Ao se tornar participante logo se vê o jovem como ameaça ao sistema já estabelecido, que deseja a mudan-

ça, mas espera que ela não aconteça. Porque mudança sugere movimento, desacomodar-se. E, para isso, uma sociedade, instituição ou igreja necessita estar muito madura e bem integrada com a proposta do Evangelho; deve estar muito segura de sua fé e de sua missão no mundo. Não basta apenas contar com um grupo de jovens que louva a Deus, mas não discute com os demais como viver e testemunhar a fé pronunciada e cantada nos cultos e espaços de oração.

Nessa caminhada com o CLAI, que agradeço a Deus por ter experimentado, pude me deparar com essa realidade da juventude. Os espaços ecumênicos muitas vezes são espaços de renovação da esperança e da fé. São espaços de comunhão dos diferentes. Dessa maneira o jovem aproveita esse espaço para se alimentar e sentir-se como jovem participante de uma sociedade, enfrentando os mesmos problemas de homens e mulheres de todas as idades e culturas, cores e experiências, tornando-se um só corpo conforme o texto de 1Cor 12,12-13.

Esperança

Falar de fé, de juventude é também falar de esperança. Teologicamente esperança é algo que nos convida a viver a fé com intensidade e certeza da presença viva do Deus que nos reserva sempre a salvação e a certeza de um amor, que nos torna cidadãos e cidadãs do Reino de Deus. Essa condição nos faz esperar: “*Esperar é apoderar-se pela fé de uma promessa de vida e salvação. Ter esperança é ter um futuro que, embora tenha provações, será bom*”¹.

É importante ter em mente que, ao falarmos de esperança e fé, não estamos aqui colando fora de nós o sentimento de plenitude e de vida em abundância. Esta pode ser uma das maneiras de se vivenciar a experiência de fé e cidadania cristã, colocar a nossa esperança somente no Deus que está fora de nossas vidas, para além de nós, acima de nós, o Deus por vezes distante e do qual eu me apodero nos momentos de desesperança. Esperar com a certeza da vivência de uma vida plena, onde a justiça e a paz irão ser os pilares de uma sociedade mais solidária, capaz de superar as dificuldades que se apresentam, é contar, sim, com um Deus que se torna visível em nosso caráter cristão, posto à prova todos os dias em todas as situações. Na primeira carta aos Coríntios, Paulo inicia seu texto agradecendo a Deus pelo povo de Corinto, lembrando que o testemunho de Cristo se fortalece no povo, para vencer as dificuldades de uma comunidade que também sofrerá com divisões, medos, desesperanças (1Cor 1,4-9).

Desta maneira juventude e esperança muitas vezes são entendidas de maneira equivocada. Como já mencionei anteriormente, juventude se torna sinônimo de esperança do novo e do correto devido à situação presente se mostrar insuportável ou mesmo desastrosa. Não é dessa esperança que falamos, de colocar no outro/a a responsabilidade se algo der certo ou errado. Também não podemos confundir esperança e juventude como se as duas estivessem correlacionadas pelo simples fato de que a juventude inspira um estado de confiança total pela ausência de frustrações. Certamente é esta a

1. ALLMEN, J.-J. Von. *Vocabulário Bíblico*. 3ª edição. São Paulo: Ed. Aste.

grande diferença entre esperança como sinal de expressão concreta da fé e esperança como simples ato de representar no palco da vida uma situação de não aceitação dos problemas que se apresentam.

Quando a juventude inicia seu processo de descoberta e vivência da fé, deve ser despertada para a experiência da esperança como algo que nos convoca para uma atitude proativa no dia a dia de nossas comunidades e da sociedade em geral, como um estado de vigília que inspira uma atitude de prudência e de cuidado com a vida no tempo presente, para celebrar o tempo futuro. Temos nos exemplos das primeiras comunidades uma direção que pode nos auxiliar como no exemplo da comunidade de Roma (Rm 12,9-21). A esperança deve ser sempre entendida como demonstração da atitude consciente da fé. Cristo é o sinal vivo da esperança que nos possibilitou ter o Deus da promessa do Antigo Testamento agora presença concreta no Novo Testamento. Ele nos mostra que esperar é mais que apenas sentar-se à beira do caminho. Esperar, acima de tudo, é um estado de vigília que nos permite mostrar ao jovem uma visão nova sobre a vida, menos imediatista e individualista.

Cada vez mais nos deparamos com uma juventude que vive numa velocidade alucinante, cada vez mais somos surpreendidos pela intolerância e individualismo como sinônimos de uma sociedade moderna, tecnológica e desesperada. Dessa forma, viver e experimentar a esperança bíblica como uma alternativa a correria e impossibilidade de esperar é uma tarefa difícil, mas ao mesmo tempo primordial para a juventude não ser mais um gueto dentro de nossas instituições. Ela deve ter voz a ser ouvida, convidada a ser parte da construção do Reino. Deve participar da solução dos problemas, caminhar junto e oferecer novas alternativas.

A esperança da juventude é a esperança do povo de Deus, para que os sinais de morte sejam substituídos pelos sinais de vida.

Fé e esperança viva

Ao iniciar esta reflexão quis partilhar uma canção conhecida de alguns. Ela marcou a caminhada junto ao CLAI e serviu de inspiração para escrever estas linhas. Logo que fui indicada a participar, representando a juventude da Igreja Anglicana junto ao Conselho Latino-Americano de Igrejas, fui convocada para um evento internacional, que contava com representação de jovens de várias igrejas e países da América Latina. Um momento de muita alegria e muitas descobertas, de uma sensação de pertença ao Reino de Deus, composto de todo tipo de pessoas, com suas cores e jeitos, seus perfumes e cheiros. Todos estavam reunidos para tratar de assuntos que tocam nossas vidas dia após dia.

O evento aconteceu na Argentina no ano de 2004, uma Consulta latino-americana sobre o tema: “Juventud y Globalizacion/Fé, Economía e Sociedad”, o lema: “Fé y esperanza viva”; e o mais interessante o título do encontro: “Globalizar la vida plena”. Ao me deparar com esses conceitos todos juntos, cada um com diferentes interpretações e configurações, suas particularidades e desafios próprios, confesso que me senti assustada com a gama de assuntos que seriam tratados. Fiquei preocupada que tama-

nha amplitude fugiria da nossa realidade local. Temia estar diante de mais um evento do qual entramos e saímos sem ideias e alternativas concretas que nos possibilitem dar passos firmes na vivência do Evangelho e da fé, com sinais de um amor capaz de transformar a realidade. Porém, para minha grata surpresa, logo após algumas explicações sobre o tema, comecei a perceber que havia algo de muito familiar em tudo aquilo. Éramos jovens de igrejas, países, culturas e formação acadêmica e familiar diferentes, mas nos compreendíamos e nos reconhecíamos como se reconhece ao irmão que se afastou e agora retorna, como no relato bíblico da parábola do filho pródigo. Compreendíamos-nos no partilhar das dificuldades vividas pelos jovens de cada país e nos reconhecíamos na fé e esperança vivas. Elas nos motivavam a juntos buscarmos alternativas para enfrentar o mundo globalizado, que diminui as distâncias, mas não as injustiças e misérias vividas pelo povo sofredor, que não consegue ter voz nem vez, num universo de tantos gritos desesperados.

A canção que nos acompanhou nesses dias de encontro, mais do que um hino que nos unia e identificava como participantes do mesmo evento, ia a cada dia e a cada fala de cada um dos e das jovens ali presentes, se tornando mais real e resumindo muito do que cada realidade apresentada.

Celebramos a mesa da unidade servida e oferecida a todas as pessoas, através de trabalhos e projetos de inclusão de jovens, adolescentes e crianças em todos os países da América Latina, ali representados; celebramos a mão estendida a todas as pessoas que necessitam do amor de Deus, que se revela no irmão ou irmã, sensível à dor e à necessidade do outro. Ouvimos muitos exemplos de tantas pessoas que, mesmo sentadas nos bancos de nossas igrejas, não experimentam esse amor, exatamente por não estenderem sua mão ao outro/a. De fato, não devemos ter a ilusão de que nossas igrejas nos tornam naturalmente pessoas capazes de amar o outro. Trata-se de uma tarefa muito mais difícil do que imaginamos. Somos, por vezes, até ingênuos em falar da vida e do povo das igrejas sem lembrar nossas feiuras – as assembleias dos crentes estão longe de ser a reunião dos santos e santas; somos antes pecadores(as) em busca do Amor, capaz de nos aceitar com nossos pecados, mas que não nos quer permanentes no pecado. Esse Amor nos quer renovados e libertos de todo sinal de escravidão, marcado pelo desamor, egoísmo, inveja e injustiça.

Celebrar uma juventude com capacidade de organizar-se diante dos desafios, para conseguir enfrentar e superar realidades presentes na América Latina, muitas vezes negligenciadas e não solucionadas por aqueles que têm o dever de fazê-lo. Falo de organizações que impedem outros de assumir sua responsabilidade diante dos problemas enfrentados por muitos jovens da sociedade, que lutam contra o desemprego, a miséria, o preconceito, as doenças sexualmente transmissíveis, a violência, a falta de uma educação inclusiva, a intolerância e outros temas.

Muitos projetos e muitas iniciativas da juventude mostravam sua capacidade de mobilização e de participação na vida da sociedade, não apenas como mais um problema social, mas como um agente de transformação. Essa realidade se expressa no refrão da canção que nos diz: “e andaremos pelo mundo com fé e esperança viva, cele-

brando, cantando, sorrindo, lutando pela vida”; lutar pela vida com sinônimo dessa fé e esperança vivenciadas nas atitudes diárias de uma juventude motivada; aqui podemos retornar ao texto de 1 Tm 4,12-16, onde se recorda que o tempo de juventude não é tempo de desprezo e sim de testemunho de fé.

Cada pessoa jovem que nos falava de sua realidade trazia consigo um misto de dor e de alegria, porque estamos falando de pessoas envolvidas com o sofrimento humano. A cada relato nos dávamos conta da amplitude da tarefa para a qual somos chamadas. Enfrentar temas como prostituição, comércio de pessoas, uso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, miséria que sugere exploração, trabalho quase escravo de muitos jovens para sobreviver; falta de emprego, falta de uma visão política inclusiva; políticas econômicas que massacram comunidades; globalização que fere culturas e costumes; migrações que levam na bagagem sinais de exclusão e solidão; os mais variados tipos de violência, etc. Encarar de frente temas como estes não é uma tarefa fácil. Mas também estamos falando de uma juventude que vive sua fé e esperança ou deseja vivê-las de maneira concreta. Era nesse momento que víamos a alegria retornar o seu espaço, movida por essa fé e essa esperança. Diante de cada tema uma alternativa: jovens envolvidos em projetos sociais que resgatavam adolescentes da prostituição; projetos em parcerias com governos locais, com o objetivo de combater as doenças sexualmente transmissíveis; propostas já em andamento dentro das comunidades de um conhecimento do significado da globalização, ou seja, trabalhar com o povo das igrejas os aspectos políticos e econômicos de um mundo globalizado para, através do conhecimento, se viver alternativas no comércio local e na política local; iniciativas que resgatam a cultura de uma América que é branca, negra, índia e mestiçada; incidir nas políticas públicas para levar ideias e propostas que possibilitem mais justiça, educação, emprego, saúde e vida plena ao povo. Estes foram alguns sinais partilhados nesse evento que nos fizeram perceber o tamanho da fé que nos move e da esperança que nos permite transformar.

Fé e juventude – Juventude e Fé

Depois de falar um pouco sobre o tema da fé e o tema da juventude, unirei agora esses dois conceitos para a discussão sobre como são eles vivenciados na sociedade atual e principalmente em algumas igrejas. Como tratar desse tema num tempo onde fé significa muitas vezes confiar em si mesmo? Onde juventude é sinal de sucesso por suas próprias forças e conquistas? Como falar de fé num tempo onde tudo é muito concreto e muito real? Fé nos remete a confiar no desconhecido, então como unir fé e juventude? Seriam temas cada vez mais incompatíveis?

Deixei essas questões para esse momento, por entender que quando tratamos dessa fé encarnada na vida das comunidades podemos sim responder às questões de maneira madura e confiante numa juventude que vive sua fé de maneira muito espontânea, mas questionadora.

Assim como nos tempos bíblicos, atualmente não estamos vivendo como povo de Deus em uma redoma, fora da realidade dos nossos dias. Então nos cabe em cada

momento darmos testemunho, cabe em todo tempo dar graças, se somos movidos pela fé.

É verdade que vivemos um tempo da idolatria do indivíduo, mas já não viveram isso os povos que nos antecederam, com seus ídolos, reis e rainhas? Logo a nossa realidade não nos deve paralisar nem assustar. Ter na pessoa projeções de perfeição ou sucesso faz parte da nossa vaidade humana. Por isso a fé no indivíduo está longe de ser sinônimo da fé que nos move como povo cristão, como foi acima. Por isso, nossa tarefa é sempre tratar de fé como algo que nos move na direção do outro.

Tempo do concreto e do real? Certamente a ciência e a tecnologia, que nos permitem concretizar muitas coisas, também nos tornam um pouco como Tomé: temos que ver para crer. Isso, porém, não nos deve intimidar. Uma juventude que compreende a sua fé como serviço ao próximo encontrará muitas provas concretas e exemplos vivos para dar suporte ao seu testemunho, mesmo quando é desafiada pelo mistério daquilo que ainda não vê.

Fé e juventude, no entanto, não são temas que se excluem, afinal não há espaço para exclusão no Reino de Deus. O tempo de hoje continua desafiando as pessoas jovens a um testemunho de fé, concreta, capaz de ir ao encontro do outro/a, enfrentando os desafios. Hoje é necessário compreender uma fé que desafia as estruturas, que as questiona, pois muitos/as jovens estão fora das igrejas, mas continuam dando testemunho de fé.

Juventude e esperança – Esperança e Juventude

Da mesma maneira que é interessante ler os conceitos de juventude e fé associados, também é desafiador e encantador ler os temas juventude e esperança num mesmo contexto.

Em tempos de total correria e agitação de um mundo globalizado, onde não estamos mais em tribos ou grupos como no passado, onde os jovens podem identificar-se com tendências e ideais mundiais; num mundo onde conhecer o global muitas vezes é esquecer o real e palpável, os amigos virtuais são mais próximos que o irmão que dorme no mesmo quarto, onde não se pode esperar nada, nem um minuto na fila de um banco ou de um *fast-food*, muito menos uma conexão de internet lenta, ou esperar por algo ou alguém, em qualquer situação; num mundo onde andamos plugados com nossos *Ipode*, *Ifone*, MP, já não vemos as outras pessoas ao redor. Conhecemos muita gente em questão de minutos, mas não fazemos ideia de quem sejam. Estamos nas redes sociais e as usamos de várias maneiras, onde corremos atrás de uma independência (independência do quê? De quem? – nem sabemos). Corremos atrás do primeiro emprego, do melhor salário, queremos conhecer o mundo e tudo o que ele nos oferece... Enfim, nossa juventude tem tempo de falar de esperança, quando ela é só sinônimo de espera por algo e já não sabemos esperar?

Confesso que ouvimos pouco esta palavra. Nos dias de hoje, ela é pouco usada e por vezes pouco vivenciada, creio que exatamente pela distorção de significado, ou

melhor, por resumir o significado de esperança a simples espera. Espera de quê? Para quê? Se o mundo não nos permite parar, como esperar?

É importante então observar e da mesma maneira que começamos a compreender e aplicar melhor nosso conceito de fé, assim também o fazemos com o tema de esperança.

Juventude e esperança, esperança e juventude mais do que conceitos também requerem uma maneira nova de viver a vida, mesmo nessa corrida dos dias atuais. Como nos exemplos do passado, de homens e mulheres dos textos bíblicos e das histórias da vida dos crentes, os jovens de hoje também precisam viver inseridos nos seus contextos sociais.

Pensar em juventude desvinculada de um mundo globalizado é negar uma realidade. A pergunta de sempre será: como viver o evangelho de fé e esperança em qualquer contexto ou situação?

A esperança de que nos falam os textos bíblicos, como já foi dito acima, tem a ver com uma atitude que nos coloca em direção a um futuro e nos reserva algo de bom. Mas o futuro não é algo que chega enquanto estou sentado esperando, o futuro é algo ao qual eu vou ao encontro, construindo no presente minha caminhada. Por isso, esperança não é esperar por algo que virá, mas colocar-se a caminho de algo que possamos alcançar (Tt 3,6-7).

Caminhando se aprende a caminhar. Perspectivas como resposta da Fé, concretizadas pela Esperança

Escrever estas linhas me fez caminhar por histórias e momentos que emocionam e devemos celebrar. Dentro da caminhada ecumênica – com certeza o momento mais bonito da vivência da fé – encontrei força, ânimo e coragem para testemunhar a fé e a esperança.

Relendo hoje esta caminhada, é possível continuar sonhando e acreditando, abrindo perspectivas, que nos fortalecem a fé e a esperança.

Atrevo-me aqui a expressar algumas perspectivas que vejo como desafiadoras para os nossos dias. Não tenho a pretensão de indicar alternativas, mas apenas partilhar algumas perspectivas que julgo importante tê-las presentes diante do trabalho com os/as jovens:

- a) Perspectiva do ecumenismo como expressão da fé e compromisso com o diferente: a vivência ecumênica se mostra como um espaço rico em reflexão e desafiador para o jovem, que tem a tarefa não só de caminhar com o diferente e aprender dele, mas também de se firmar na sua experiência de fé, conhecendo melhor a sua origem e a sua comunidade local e denominacional.
- b) Perspectiva política: observar cada vez mais a incidência, ou o desejo do jovem por incidir em temas candentes que o afetam diretamente e que devem

ser abordados pelas igrejas, seguindo o testemunho dos profetas que denunciavam as injustiças e anunciavam a esperança.

- c) Perspectiva da análise bíblica: o jovem cada vez mais necessita conhecer e aprofundar o conhecimento dos textos bíblicos. Mais do que matar a curiosidade, é importante que os textos bíblicos sirvam de inspiração e base para a leitura dos novos contextos; por isso precisam fazer parte da vida do/a jovem.
- d) Perspectiva da comunhão: sendo a igreja um espaço diferencial da vida individualista e corrida que vivemos, seria importante ter a preocupação em incluir as pessoas mais jovens na comunidade. Já há avanços neste sentido. Há muitos jovens seguindo o Ministério ordenado, liderando comunidades, mas ainda há muitos nos bancos só para o louvor. Também estes precisam conhecer as necessidades da sua comunidade local e buscar alternativas conjuntas.
- e) E, por fim, é importante ter presente a perspectiva da vida plena: vida em abundância é vida dada a todas as pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres. Esse é também um desafio para o jovem, que deve ver a comunidade como um espaço para viver os valores do Reino como solidariedade, justiça, amor, paciência, respeito ao diferente.

Creio que muitas outras perspectivas e desafios podem ser trazidos aqui, mas cada pessoa contribui com um retalho para a construção da grande colcha de retalhos onde cada retalho representa os diferentes jeitos e cores dos filhos e filhas de Deus; costurados com amor, firmados pela fé e esperança.